
A Ciência como Movimento Social-Ideológico na Modernidade: O uso da ciência para manutenção da ideologia capitalista atual

Alexandre Neves Sapper¹

“O interesse que há de integrar nosso saber, de aplicar todo o saber na nossa situação pessoal, é muito mais universal do que a universalidade das ciências”

Gadamer

Resumo: No contexto desenvolvimentista que se apresenta como religião nos dias atuais, a ciência se apresenta como requisito essencial para sobrevivência e manutenção de imagem favorável dos Estados no cenário internacional. Neste é propícia a proliferação e manutenção de uma ideologia de desenvolvimento e acréscimo dos saberes, conclusões e inovações científicas em todos os campos, negligenciando o seu porquê em detrimento do desenvolvimento do capital que surge em detrimento de patentes e inovações a que os cientistas se submetem. Assim, se realiza uma ciência sem consciência, fato grosseiramente gritante nos dias em que se abordam temas novos, como a Bioética e o Biodireito, gamas estas imprescindíveis de caráter científico para a sua aceitação universal.

Palavras-chave: Ideologia; capitalismo; ciência; sociedade; desenvolvimento; Estado.

Introdução

O respectivo trabalho foi elaborado com o fulcro de analisar a posição do desenvolvimento científico frente à ideologia e a

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pelotas. Acadêmico de Filosofia e mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pelotas. Membro voluntário do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Direitos Humanos (NIDHUS) situado na UCpel. Foi bolsista PIBIC/CNPq.

urgência do desenvolvimento pregada pelo capitalismo global e suas implicações em detrimento da ideologia utilizada.

Neste íterim, foi proposta uma análise bibliográfica entre os autores contemporâneos para elucidar os conceitos primordiais do presente trabalho, sendo primeiramente analisado o conceito de ciência e suas principais influências no capítulo primeiro, por ser também o conceito secundário no presente trabalho.

Assim, a ideologia teve colocação fundamental como objeto de análise com a devida função de tentar responder o uso da ciência e os seus respectivos porquês dentro de uma realidade pragmática. O seu caráter ideológico-governamental se apresenta como situação instigante dos dias atuais por parte dos Estados que dominam e influenciam os grandes centros de pesquisa para os mais diversos (e obscuros) fins.

A influência do Estado no processo de desenvolvimento científico atualmente é de suma importância, pois a conduta econômica está intrinsecamente ligada às inovações tecnológicas e ao registro de novas patentes para assumir posição no mercado internacional, negligenciando outras gamas da sociedade em virtude da concorrência do capital científico vigente.

1. Breve apontamento acerca da ciência e suas diferentes concepções²

O significado e conceituação do respectivo verbete são de fundamental importância para a elucidação e compreensão do respectivo trabalho. Assim, foi realizado um breve apontamento sobre o seu significado, bem com as suas três diferentes concepções.

No significado do termo *Ciência* diz respeito ao conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, a garantia da própria validade. A limitação expressa pelas palavras, em qualquer forma e medida, é aqui incluída para tornar aplicável à ciência moderna, que parece não ter pretensões no absoluto. Porém, na concepção tradicional a Ciência garante a total validade de suas afirmações, se apresentando –absurdamente– como garantia máxima de certeza³. O oposto da *Ciência* é a *opinião*, sendo esta caracterizada pela falta de garantia sobre sua validade.

² O respectivo verbete foi estudado com o auxílio preciso do Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano.

³ Concepção esta que ainda vigora nos dias de hoje, principalmente no meio acadêmico.

As diferentes concepções de Ciência podem ser distinguidas conforme a garantia de validade que lhe é atribuída. Essa garantia pode consistir: 1º na demonstração; 2º na descrição e 3º na corrigibilidade.

A garantia científica demonstrativa é a doutrina segundo a qual a *Ciência* provê a segurança de suas validade demonstrando suas afirmações, isto é, interligando-as num sistema ou em um organismo unitário na qual cada uma delas seja necessária e nenhuma possa ser retirada, anexada ou mudada. É o ideal clássico da *Ciência* e tem como principais ícones os seguintes Filósofos⁴: Platão, Aristóteles, Descartes, Spinoza, Kant, Hegel e Husserl.

A concepção descritiva da *Ciência* começou a formar-se com Bacon, Newton e os filósofos iluministas. Seu fundamento é a distinção “baconiana” entre antecipação e interpretação da natureza: a interpretação consiste em conduzir os homens diante dos fatos particulares e das suas ordens. Newton por sua vez estabelecia o conceito descritivo da *ciência*, contrapondo o método da análise ao método da síntese. Este último consiste em assumir que as causas foram descobertas, e pô-las como princípios e em explicar os fenômenos partindo de tais princípios e considerando como prova esta explicação. Já a análise consiste em fazer experimentos e observações e em deles tirar conclusões gerais por meio da indução e em não admitir, contra s conclusões, objeções que não derivem dos experimentos ou de outras verdades seguras.

Uma terceira concepção é a que reconhece, como garantia única de validade da *Ciência*, a sua autocorrigibilidade. Trata-se de uma concepção das vanguardas mais críticas ou menos dogmáticas da metodologia contemporânea e ainda não alcançou o desenvolvimento das outras duas concepções anteriores. No entanto, é significativa, seja por partir da desistência de qualquer pretensão à garantia absoluta ou por abrir novas perspectivas ao estudo analítico dos instrumentos de pesquisa de que as *Ciências* dispõem.

⁴ Apesar da magnífica contribuição doutrinária, filosófica e conceitual que os referidos autores apresentaram ao longo dos séculos para o termo Ciência aqui estudado, não será pertinente uma elaboração das contribuições individuais de cada autor, visto infelizmente não ser o objeto do respectivo trabalho.

2. A síntese do surgimento da ideologia no campo filosófico e seu pragmatismo como eficácia na transformação social

A *Ideologia* constitui a corrente filosófica que marca a transição do empirismo iluminista para o espiritualismo tradicionalista, florescendo na primeira metade do séc. XIX.

O respectivo termo teve um sentido depreciativo para Napoleão, sendo aplicado por este aos seus críticos, identificando-os como “sectários ou dogmáticos, que significavam para o imperador “pessoas que carecem de senso político e, em geral, sem contato com a realidade”⁵.

A seguir começa a história do significado moderno deste termo, não mais empregado para indicar qualquer espécie de análise filosófica, mas uma doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam⁶.

Neste sentido, no mesmo século XIX, a noção de *Ideologia* passou a ser fundamental no marxismo, sendo um dos seus maiores instrumentos na luta contra a chamada cultura burguesa. Marx de fato afirmava que as crenças religiosas, filosóficas, políticas e morais dependiam das relações de produção e de trabalho, na forma como estas se constituem em cada fase da história econômica. Essa foi a tese que posteriormente passou a ser chamada de *Materialismo Histórico*⁷.

Hoje, por *Ideologia* entende-se o conjunto dessas crenças, porquanto só têm a validade de expressar certa das relações econômicas e, portanto, de servir à defesa dos interesses que prevalecem em cada fase desta relação.

Em geral, portanto, pode-se denominar *Ideologia* toda a crença usada para o controle dos comportamentos coletivos,

⁵ PICAUVET. *Les ideologie.*, Paris, 1891.

⁶ É amplamente utilizada pelos titulares do discurso político e seus estudiosos. Althusser levanta a questão do referido termo para ilustrar a questão da superestrutura nos seus *Aparelhos Ideológicos do Estado*, onde a ideologia é o centro da questão governamental.

Com esse nome, Engels designou a interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desta teoria é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade humana é constituída intrinsecamente por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover as suas necessidades. A consciência do homem é resultado dessas relações, e não do seu pressuposto. Essa teoria foi defendida por Marx, sobretudo, na obra intitulada *Ideologia Alemã*, 1845-46.

entendendo-se o termo *crença*, em significado mais amplo, como noção de compromisso da conduta, que pode ter ou não validade objetiva. Entendido nesse sentido, o respectivo conceito é puramente formal, uma vez que pode ser vista como *Ideologia* tanto uma crença fundada em elementos objetivos quanto uma crença realizável quanto um crença irrealizável. O que transforma uma crença em *Ideologia* não é a sua validade, mas unicamente sua capacidade de controlar os comportamentos em determinada situação.

É lícito apresentar a *Ideologia*, então, como forma de dominação, cabendo apresenta-la como a utilização *ad hoc* do sistema de significações e valores para justificar ou legitimar a existência de uma situação social nem livre nem emancipada, assim, de opressão por parte da classe dominante de uma dada sociedade.

A compreensão de que a crítica ideológica é um momento importante da luta para mudar uma sociedade e instaurar outra deve ser amplamente fixada. Pertence à crítica ideológica a tarefa de desvendar a relação dialética existente entre teoria e práxis, desenvolvendo uma teoria crítica que seja algo distinto de mero reflexo daquilo que se produz na prática.

A tarefa, ou o trabalho “desideologizador”, será como apontaram brilhantemente Adorno e Horkheimer⁸, um pensamento fundamentalmente crítico. Uma crítica ideológica que pode superar o fato de ser ela própria outra edição ideológica, deve apresentar, além de verbalizações e afirmações, uma realização histórica. Dito em termos marxistas, a práxis é o lugar onde prova e se comprova a veracidade e a objetividade de toda crítica ideológica.

A crítica ideológica como mostrou a Escola de Frankfurt, não se efetua da neutralidade, do desinteresse ou de pretensa visão objetiva da realidade social, mas sim do interesse emancipador, sem parâmetros éticos, filosóficos ou religiosos rígidos e com grande atenção aos deslocamentos que possa experimentar a realidade social e suas estruturas. Daí que se apresente frequentemente como crítica negativa “*pode-se dizer aquilo que é mau na sociedade atual, mas não pode dizer aquilo que será bom, mas unicamente trabalhar para que o mau desapareça*”⁹

Por esta razão, terá a função de “*expressar aquilo que em geral não se expressa*”¹⁰, adotando frequentemente a forma de luta

⁸ ADORNO T., HORKHEIMER M. *Ideologia, em la sociologia. Lecciones de sociologia*. Proteo, Buenos Aires: 1966.

⁹ Ibidem, pg. 35.

¹⁰ Ibidem.

cultural em prol de uma sociedade mais humana, justa, livre e racional.

3. Situação atual da Ideologia em Adorno/Horkheimer

Na tradição crítico-dialética a atenção se centraliza na análise e na crítica da sociedade capitalista e da sua racionalidade. Atualmente, está apresentado um momento de predomínio do sistema capitalista democrático, caberia entender essa racionalidade como crítica deste tipo de modernidade predominante no ocidente.

Desse ponto de vista, cabe buscar com insistência a ajuda das diversas disciplinas que têm algo a dizer na desvendamento da situação social, política, econômica e cultural dessa situação, para levar “a cabo” a tarefa “desideologizadora”.

Um recurso à interdisciplinaridade e a colaboração dos diversos saberes como modo realista, ainda que difícil, de exercer a crítica ideológica ou a abordagem do conhecimento da ideologia atual

Há um acordo quanto à dificuldade de apontar a ideologia do momento atual. Desde a primeira *Teoria Crítica* Horkheimer e Adorno, foi assinalada a redução da razão atual¹¹: ideologia seria a representação da racionalidade em função de algum fim ou razão instrumental, que pensa unicamente os meios adequados para alguns objetivos propostos, como única racionalidade.

A conclusão obtida pelos autores acima citados é que a realidade dada se converte em ideologia se si mesma, com o que ideologia é hoje toda a sociedade como fenômeno.

3.1 Crítica e contribuição de Habermas acerca da ideologia e técnica contemporâneas

Um diagnóstico tão pessimista encontrou a sua correção e depuração nas análises dos teóricos críticos atuais, inclusive da mesma tradição, como J. Habermas. Para o respectivo autor, o predomínio da racionalidade funcional é claro. Mas deve-se lê-lo em chave da diferenciação que acontece na modernidade, que expressa o predomínio dos subsistemas destas: o tecno-econômico e o burocrático administrativo do Estado moderno¹². Deles se expande um modo de ver e pensar a realidade capitalista de âmag

¹¹ Ibidem.

¹² HABERMAS, J. *Ciência y técnica como ideologia*. Tauros. Madrid: 1984, pg.34.

funcionalista, e, além disso, tende a ampliar a sua colonização a outros âmbitos que não lhe pertencem.

O respectivo autor, embora cada vez mais ameno em utilizar o conceito de *Ideologia*, aponta, sobretudo, a situação ideológica do tempo atual como¹³: a) a aparência de que o desenvolvimento do sistema social é determinado pela lógica do progresso científico-técnico; b) o deslocamento da função da política dentro do sistema social para evitar disfuncionalidades e riscos do sistema econômico; c) a despolitização das massas, que recebem como compensação uma garantia de bem-estar e segurança social ou a promessa de crescimento e melhoria matérias.

A proposta de conclusão em Habermas para a questão proposta seria que a *Ideologia* atual perde, segundo o mesmo autor, o aspecto de *Ideologia*. É oferecida como própria realidade. Por esta razão se torna mais irresistível, visto que adormece o caráter de emancipação da espécie enquanto tal.

Porém, Habermas se mostra longe de concluir que ouve um “fechamento de horizontes”¹⁴. A dimensão de comunicação inerente à lógica mesma da linguagem humana, e presente nas institucionalizações da democracia deliberativa e ali onde se exercita a busca aberta, crítica e dialógica dos interesses generalizáveis para todos, constitui um manancial de “desideologização” e de um impulso para a emancipação.

4. Apontamentos críticos acerca da “Ciência ideológica” e conclusão

O processo atual de ideologização¹⁵ científica deixou de ser algo incerto para se apresentar transparente sob o aspecto de uma afirmação ou análise que aquela esteja ocorrendo. Neste aspecto, o autor Edgar Morín coloca:

A ciência é um processo sério demais para ser deixado só nas mãos dos cientistas. Eu completaria dizendo que a ciência se tornou muito perigosa para ser deixada nas mãos dos estadistas e dos Estados. Dizendo de outra forma, a ciência passou a ser um problema cívico, um problema dos cidadãos¹⁶.

¹³ Ibidem, pg. 36.

¹⁴ Ibidem, pg. 76.

¹⁵ Antagonicamente contrário ao sistema proposto anteriormente por Habermas.

¹⁶ MORÍN, Edgar. Tradução de Maria Alice Sampaio. *Ciência com Consciência*. Editora Bertrand. Rio de Janeiro:2001, pg.133.

A colocação acima reflete a grande (ir)responsabilidade de alguns governantes e donos/chefes de grandes centros de fomento de pesquisa para a contribuição científica, pois, dependendo do objeto a ser pesquisado dentro de uma categoria ou em um *locus* onde o resultado não seja favorável para uma determinada gama da sociedade, esse resultado, obviamente será facilmente refutado, ou pior, o pesquisador correrá o risco de ser desligado da corporação a qual é vinculado. Assim, coloca Morín novamente que

A leitura de certos jornais de partidos bem exemplifica esse fato: os acontecimentos confirmam sempre a linha política do jornal e, quando não a confirmam, não são mencionadas. Em outras palavras, a teoria que tudo sabe detesta a realidade que a contradiz e o conhecimento que a contesta. Assim, temos no conhecimento a mesma ambigüidade, a mesma complexidade de presente na idéia de progresso¹⁷.

Segundo as afirmações do autor citado, se demonstra um certo grau de periculosidade nas ações estatais para manter um ideologia. No campo político é possível analisar claramente a influência da ideologia na ciência, onde o requisito fundamental para ser membro do conselho de segurança da ONU é necessário possuir a tecnologia para construção da bomba atômica. A indústria farmacêutica é presença certa e constante de abusos e impropriedades praticadas em prol de um “ideal” que possa suprir a concorrência.

O quadro atual é de uma ciência sem consciência, contrariando a proposta de Morín, onde o pesquisador se torna uma peça de um sistema que possui um objetivo oculto e se utiliza da sapiência e métodos tão consagrados pra obtenção de resultados que não são pretendidos pelos indivíduos, mas sim em sentido macro.

É gritante, por exemplo, as migrações de ambientalistas que outrora se demonstravam contrários à monocultura do eucalipto e agora são funcionários (bem pagos) das empresas que pretendem difundir os seus cultivos na região sul.

Nesse sentido, é verídica a afirmação Althusseriana de que somente as superestruturas são capazes de manter a sua ideologia, colocando em posição negativa a subjetividade do individuo de se contrapor a um ideal alheio perceptível.

¹⁷ Ibidem, pg. 99.

Abstract: In the desenvolvimentista context that it presents as religion in the current days, science it presents as requisite essential for survival and maintenance of favorable image of the States in the international scene. In this she is propitious the proliferation and maintenance of an ideology of development and addition of knowing them, scientific conclusions and innovations in all the fields, neglecting its reason in detriment of the development of the capital that appears in detriment of patents and innovations the one that the scientists it submit. Thus, it carries through a science without conscience, coarsely clamorous fact in the days where it they approach subjects new, as the Bioética and the Biodireito, gammas these essential ones of scientific character for its universal acceptance

Key Words: Ideology; capitalism; science; society; development; state.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Martins fontes. São Paulo: 2003.

ADORNO T., HORKHEIMER M. *Ideologia, em la sociologia. Lecciones de sociologia*. Proteo. Buenos Aires: 1966.

DICIONÁRIO DE PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO. Dirigido por Mariano Moreno Villa. Editora Paulus. São Paulo: 2000.

HABERMAS, J. *Ciência y técnica como ideología*. Tauros. Madrid: 1984.

MORÍN, Edgar. Tradução de Maria Alice Sampaio. *Ciência com Consciência*. Editora Bertrand. Rio de Janeiro: 2001.

MARX, ENGELS. *A ideologia alemã*. Ed. UNB. Brasília: 1987.

PICAVET. *Les ideologie*. Paris, 1891.

